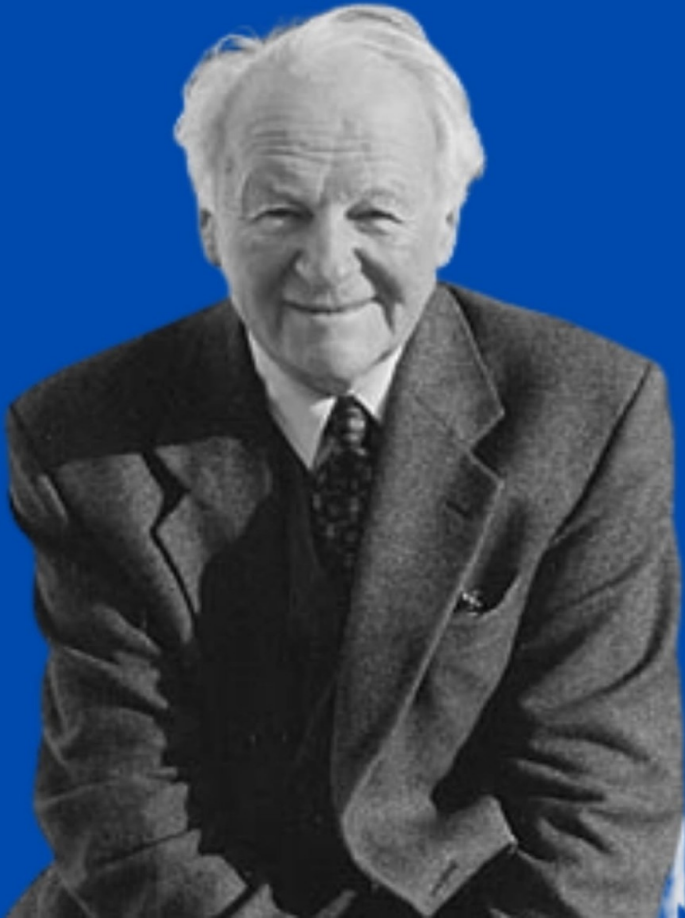


VERSÃO DIGITAL POR
DOUGLAS ARAUJO

DOM ROBINSON CAVALCANTI

SOBRE JOHN STOTT

(COMPILADO DE TEXTOS)



ROBINSON CAVALCANTI SOBRE JOHN STOTT

*Compilado de textos em homenagem
Dom Robinson Cavalcanti*

DISCLAIMER

*Essa versão digital do livro foi compilada por **Douglas Araujo** para uso pessoal e compartilhamento com a comunidade local.*

*Nenhum texto foi alterado ou modificado de nenhuma forma, no intuito de preservar o escrito do nosso querido **Dom Robinson Cavalcanti**.*

*Caso haja alguma ilegalidade na publicação, favor entrar em contato e excluiríamos imediatamente. Foi feita uma extensa pesquisa no processo de espólio do falecido **Dom Robinson** e nenhum herdeiro a quem pudéssemos solicitar permissão foi localizado.*

*O processo de espólio corre no TJPE em busca de herdeiros válidos desde 27/03/2012 e pode ser acompanhado pelo nº **0002617-05.2012.8.17.0990***

***Contato:** eu@dodopok.dev*

Douglas Araujo - Vitória/ES

Agosto de 2022

John Stott – estadista do reino de Deus

O mundo cristão comemorou, com grande alegria, no dia 27 de abril deste ano, os 80 anos do nascimento de um dos mais importantes teólogos do último século, o Rev. John Stott, ministro anglicano e autor de, entre outros, Cristianismo Básico, um clássico traduzido para 50 línguas, com mais de 2 milhões e meio de cópias vendidas. Há dez anos, estive presente ao seu 70º aniversário, em Oxford.

Stott nasceu em 1921 no seio de uma família de classe média alta de Londres. Seu pai, um humanista, era um renomado cardiologista. Sua mãe, uma cristã tradicional, ensinou ao pequeno John e a suas três irmãs a lerem a Bíblia, a orarem e a freqüentarem a igreja. Sua conversão se deu na adolescência, quando aluno da prestigiosa Escola Secundária Rugby, pelo ministério de um professor que organizava grupos de estudo bíblico e acampamentos de férias, visando ganhar para Cristo os filhos da elite inglesa.

Formou-se em letras (línguas modernas — francês e alemão) pela Universidade de Cambridge, onde se tornou um ativo líder do grupo local da Aliança Bíblica Universitária (IUF, sigla em inglês), sendo laureado. Obteve o seu título em teologia pelo Ridley Hall. Em 1945, foi ordenado ministro da Igreja da Inglaterra e designado coadjutor (pastor auxiliar) da Paróquia de All Souls, Langham Place, no centro de Londres. Em 1950, foi eleito reitor (pastor titular) da mesma paróquia, assim permanecendo por 25 anos. Em 1975, aposentou-se e recebeu o título de reitor emérito, e membro voluntário da equipe pastoral. Desde 1959, tinha sido designado para ser um dos capelães de S.M. a rainha Elizabeth II.

Durante todos esses anos viajou intensamente, a convite de várias denominações, falando, principalmente, em cruzadas estudantis e cursos de liderança promovidos por movimentos ligados à Fraternidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES).

Ganhou notoriedade mundial ao ser um dos oradores do Congresso Internacional de Evangelismo (Berlim, 1966), auspiciado pela revista Christianity Today. Em 1974, apresentou, no Congresso para a Evangelização Mundial (Lausanne), a notável palestra Bases bíblicas para o evangelismo, e foi o principal redator do Pacto de Lausanne, o mais importante documento confessional do século 20. No fecundo período de 1974 a 1983, participou dos congressos e seminários patrocinados pela Comissão de Lausanne (LCWE) e pela Aliança Evangélica Mundial (WEF), que resultaram em relevantes textos, tendo sido o moderador do encontro sobre Evangelho e Cultura (Bermudas).

Na década de 70, travou uma polêmica com o líder congregacional Martim Lloyd-Jones, defendendo a permanência dos evangélicos nas igrejas históricas, em vez de deixá-las, optando por igrejas livres. Participou ativamente do Conselho Evangélico Inglês (interdenominacional) e da Associação dos Evangélicos na Igreja da Inglaterra. Fundou e dirigiu, por muitos anos, a Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana (EFAC).

Por sua estatura e sabedoria, os evangélicos tornaram-se a principal corrente do anglicanismo.

Evangélico e ortodoxo, Stott sempre defendeu com veemência a presença e a participação dos evangélicos no

movimento ecumênico, pois este fora iniciado em meados do século 19 por evangélicos, em obediência à Oração Sacerdotal de Jesus e visando o melhor cumprimento da Grande Comissão.

Aposentado, criou o Instituto por um Cristianismo Contemporâneo (Londres), centro de educação continuada, com uma diversidade de cursos e seminários, visando relacionar a fé cristã com a realidade. Fundou também o Langham Trust, para o patrocínio de publicações e bolsas de estudo, que administra os direitos autorais dos seus 35 livros, como A Cruz de Cristo, O Silêncio Culposo, Tópicos que Desafiam os Cristãos Hoje, Ouça o Espírito, Ouça o Mundo e tantos outros, lidos pela liderança de praticamente todas as denominações.

Seus sermões expositivos e comentários de livros da Bíblia foram importantes contribuições. Sempre enfatizou a autoridade das Sagradas Escrituras, a expiação na cruz e a santidade de vida com compromisso social.

São deles as palavras: “Eu não poderia crer em Deus se não fosse pela cruz”. E ainda: “Nosso ser (self) é uma mistura complexa de bem e de mal, de glória e de vergonha. O ser que devemos negar, destronar e crucificar é o nosso ser caído; o ser que devemos afirmar e valorizar é o ser criado, tudo o que em nós é compatível com Jesus — lembrando o seu ensino de que quando perdemos a nós mesmos (auto-negação) é que nos encontramos.”

Na velhice, tem lamentado o divisionismo evangélico: “a despeito da influência dos evangélicos, pela graça de Deus, não temos sido capazes de uma influência maior, que seria possível caso fôssemos unidos”.

Um cavalheiro de educação refinada, tímido, mente brilhante, celibatário, tendo como hobby a contemplação de pássaros. Sabe prender a atenção do seu auditório e sabe fazer e manter amizades. Ninguém, no século 20, fez mais para dar articulação, visibilidade, relevância e unidade ao evangelicalismo, tanto no conjunto do cristianismo, quanto no interior da Comunhão Anglicana. Um verdadeiro estadista do reino de Deus, cujas propostas de missão integral, evangelicalismo lúcido e anglicanismo com ênfase reformada constituem-se em alternativas das mais válidas diante do confuso e imaturo quadro religioso do nosso país.

Stott veio ao Brasil duas vezes: em 1980, para o Congresso Nacional da Aliança Bíblica Universitária, no Recife, e em 1989, para o Congresso Vinde para Pastores e Líderes. Nesta última, confessou-se incomodado com a deselegância de alguns dos nossos fundamentalistas que insistiam em questionar as suas simpatias para com a escatologia aniquilacionista (“segunda morte” — destruição de Satanás, dos anjos caídos e dos perdidos).

Conheci John Stott em dezembro de 1967 na Conferência Missionária de Urbana (ABU dos Estados Unidos), expondo a Segunda Carta a Timóteo, e na Assembléia Mundial da IFES (Mittersill, Áustria, 1975), expondo a Carta aos Efésios. Pude trabalhar com ele (1974-1983) na Comissão de Lausanne e na Comissão Teológica da Aliança Evangélica Mundial e, até 1991, na Comissão Executiva da Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana (da qual sou hoje vice-presidente) e em inúmeros congressos e seminários ao longo de 33 anos. Tenho-o como líder e amigo, recebendo-o em minha casa e sendo recebido na sua. Eu não seria hoje

um bispo anglicano não fosse a sua influência (ao lado da vida e obra de Dietrich Bonhoeffer e Martin Luther King Jr.), embora uma vez tivesse me aconselhado a permanecer como leigo (“nossos gurus cristãos não são infalíveis...”, ironizou o bispo David Evans).

Como todo bom discípulo, também tive minhas sinceras e respeitadas divergências com o mestre. Afinal, somos de diferentes gerações (1921 versus 1944), formação acadêmica (letras versus ciências sociais) e culturas (Londres versus interior do Nordeste brasileiro); ele, celibatário e eu, jamais...

Feliz aniversário e longa vida, Rev. John Stott!

(Retirado do site da Ultimato: “No mês em que se completam 7 anos da morte de John Stott, Ultimato seleciona conteúdo sobre a vida, ministério e produção escrita de Stott que vale a pena lembrar. Começamos com o artigo a seguir, escrito pelo pastor Robinson Cavalcanti em 2001, a propósito do aniversário de 80 anos de Stott. Boa leitura!” - Texto de autoria de Robinson Cavalcanti. Publicado originalmente na edição 270 de Ultimato.)

John Stott, uma carta de boas notícias

Abro o envelope familiar com emoção. Depois de tantos anos de recebê-lo com regularidade periódica, ele parecia haver cessado, pois não o tivemos no último Natal. Era a carta informativa que o Rev. John Stott envia para a sua lista de amigos em todo o mundo. Essa agora vinha datada de julho.

Como se sabe, Stott havia se mudado em agosto de 2007 do seu antigo apartamento (12 Weymouth Street), a um quarteirão da Paróquia de All Souls, no centro de Londres, para as instalações do St. Barnabas College (campus de uma antiga faculdade transformado em residência de idosos para ministros anglicanos aposentados), em Surrey, a quarenta minutos da capital inglesa. Quando eu estive com Stott, há três anos, percebi que seria impossível para ele continuar no velho (e espartano) apartamento, com aquela escada íngreme entre o térreo e o primeiro andar, depois de duas isquemias e uma fratura de fêmur que haviam afetado a sua visão e os seus movimentos, embora ainda caminhasse relativamente firme com a sua bengala. Ele passou a usar o que recebe das duas aposentadorias (do governo e do fundo de pensão da igreja) para pagar a mensalidade no St. Barnabas. Em suas palavras, seria a verdadeira aposentadoria.

No primeiro ano Stott ocupou um apartamento de quarto, sala e banheiro, com telefone convencional, telefone celular e uma escrivaninha com computador. Manteve-se relativamente ativo, respondendo pessoalmente as correspondências, e indo uma vez ou outra a Londres. No segundo ano, sua saúde se deteriorou, com um aumento de

déficit na visão, que não o permite mais contemplar os seus pássaros (passatempo favorito), e o impede de andar mais do que alguns passos, passando a usar uma cadeira de rodas. Agora está em um quarto confortável, com cama hospitalar e os cuidados de um auxiliar de enfermagem filipino, que o emociona ao chamá-lo de lolo (vovô). Nos últimos doze meses foi apenas duas vezes a Londres.

Sua secretária há mais de meio século, Frances, continua a dar expediente algumas horas por semana no escritório do antigo apartamento, e, todas as terças-feiras, vai “despachar” com ele em St. Barnabas. Stott continua gozando do prazer de receber visitas, mas prefere que escrevam diretamente para Frances. Ele está alegre por ter terminado o que considera o seu último livro (Discípulo Radical), cuja publicação está prevista para o Ano Novo.

Depois da biografia autorizada, em dois alentados tomos, escrita pelo historiador e bispo anglicano aposentado Timothy Dudley-Smith, que cobre 80 anos de sua vida, a Inter-Varsity Press designou Roger Steer para escrever um texto mais popular, John Stott – The Inside Story, cujos manuscritos, revisados por Stott e por Frances, estão em fase de editoração.

Suas propriedades, acervos e direitos autorais continuam a ser geridos pela Langham Partnership, que tem como curador o Rev. Chris Wright, especialista em Antigo Testamento e ex-reitor do All Nations Christian College. Stott sente falta, particularmente, de sua casa de campo em uma colina diante do mar frio e revoltado do País de Gales, denominada de “The Hookses”, transformada por ele em um pequeno centro de encontro, onde recebia seminaristas,

universitários e jovens pastores para encontros de reflexão.

Com dificuldades de visão e movimento, ele também sofre de uma colite microscópica, mas mantém uma invejável lucidez e senso de humor. Diante das limitações da idade, diz agradecer pelo que ainda tem.

Lembro-me, há 18 anos, do seu aniversário dos 70 anos, quando tivemos um culto de ação de graças (na Paróquia então liderada pelo Rev. Michael Greene) e uma festa no Oxford Centre for Christian Studies (OCMS), ocasião em que o presenteei com um artesanato de Olinda. Nos dias seguintes ministrou para um grupo internacional exposição bíblica em Colossenses. Em um momento de melancolia, disse, então: “Em breve estarei morto e esquecido”. Contudo, continua vivo e, cada vez mais, traduzido e lido* em todo o mundo, influenciando milhares de vidas, como um dos mais usados estadistas do reino de Deus para o seu tempo.

Mantendo com ele um relacionamento de 42 anos, que evoluiu para uma amizade, oro por sua saúde e agradeço a Deus pelo que tem representado para minha formação. Jamais esquecerei o apoio decidido que me emprestou durante a crise em que, juntamente com o clero e o povo da Diocese do Recife, sofremos a violência institucional e moral perpetrada pela casta liberal que domina a província anglicana do Brasil.

Olinda (PE), 22 de agosto de 2009.

John Stott: Um Militante

Quem observava aquele inglês de formação aristocrática, tímido e introvertido, a escrever 50 livros, proferir centenas de palestras e um sem número de artigos e entrevistas, a observar e fotografar pássaros como seu passa-tempo favorito, não poderia imaginar que estava diante de um militante de uma causa: a atualização, consolidação e expansão do evangelicalismo, identificado por ele como o cristianismo bíblico. Para tanto, estabelecia metas, planos e estratégias, tomando medidas concretas, que influenciaram mudanças profundas na história do Cristianismo contemporâneo. Quando ele começou o seu ministério, liberalismo teológico já era predominante entre os “não-conformistas” (batistas, congregacionais, presbiterianos) britânicos, e o evangelicalismo, que havia conhecido o seu apogeu no século XVIII e primeira metade do século XIX, após as “ondas” do anglo-catolicismo e do liberal-catolicismo, estava reduzida a uma minoria intimidada, isolada paroquialmente, tendendo ao sectarismo e ao anti-intelectualismo, com débil presença social e escassa relevância cultural. Ao falecer deixa o evangelicalismo renovado pela “missão integral da igreja” em todo o mundo, e nas mais diversas denominações, sendo a tendência majoritária e hegemônica na Comunhão Anglicana.

Stott prestigiou a interdenominacional Aliança Evangélica Inglesa, foi um dos fundadores do Conselho dos Evangélicos na Igreja da Inglaterra (CEEC), hoje presidido pelo Bispo Wallace Benn, fundou a Fraternidade Evangélica na Comunhão Anglicana, como ente aglutinador internacional, estimulando a organização de núcleos nacionais, criou o

Centro Londrino por um Cristianismo Contemporâneo, como centro de altos estudos de teologia e humanidades, visando a formação e atualização de líderes, criou o Langham Trust, como um fundo para bolsas para estudos teológicos de pós-graduação para alunos do Terceiro Mundo, transformou a sua casa de campo em Gales em um mini-centro de retiros, investiu, pessoalmente, no treinamento de estagiários. Tendo sido um militante da ABU (IVF) quando aluno de graduação em Letras na Universidade de Cambridge, sempre priorizou esse ministério, viajando por muitos países e sendo orador periódico do Congresso Missionário de Urbana, Illinois, EUA, que tem reunido 25.000 universitários evangélicos a cada evento. Quando caiu o Muro de Berlim, ele passou os anos seguintes viajando por todo espaço da antiga “Cortina de Ferro”, especialmente falando para pastores, seminaristas e universitários, inclusive na ABU da Sibéria... Mantinha uma intensa correspondência com pessoas chaves dos diversos continentes.

Seu livro Cristianismo Básico foi traduzido para 24 idiomas. Sua presença mais limitada foi nos EUA, onde a Igreja Episcopal o ignorava, mas onde seus livros venderam mais de seis milhões de cópias, e onde organizou uma fraternidade de evangélicos e foi um dos idealizadores do Seminário Trinity, Ambridge, Pensilvânia, berço de novos líderes, que revitalizariam o evangelicalismo anglicano na América do Norte.

Sem essa militância não teríamos hoje o Gafcon/FCA, ou províncias anglicanas evangélicas como a Igreja da Nigéria com 20 milhões de membros.

O Congresso de Berlim, 1966, primeiro, e o Congresso de

Lausanne, 1974, foram suas grandes plataformas para expor suas ideias ao mundo. Realizou inúmeras cruzadas evangelísticas universitárias, tomou posições firmes sobre cada novo assunto desafiador, e não fugiu de debates públicos sobre temas contemporâneos, como o que travou com o liberal Bispo Spong sobre o homossexualismo. Com o Conselho Mundial de Igrejas (WCC) no auge do seu domínio pelo pensamento liberal, lá estava Stott na Assembleia de Upsala, Suécia, como solitária e corajosa voz em defesa do cristianismo bíblico e apostólico.

Enfim, John Stott, o Capelão real, agraciado por SM a rainha Elizabeth II com a medalha de Comandante do Império Britânico (CBE), foi tudo, menos um intelectual de gabinete, um teórico desligado, ou preso ao seu gabinete torre de marfim. Ele foi, durante toda a sua vida, de forma sistemática e corajosa, um intelectual orgânico, um intelectual militante, desses que fazem a História acontecer. Que o seu exemplo inspire novas gerações.

A ele, a nossa gratidão e o nosso tributo, orando ao Senhor que levante sempre pessoas como ele na condução da sua Igreja, até a consumação dos séculos.

Olinda (PE), 29 de julho de 2011

A solidariedade de Stott na crise da Diocese do Recife

Tendo me conhecido por muitos anos, nos espaços da IFES-ABU, do Movimento de Lausanne, da Aliança Evangélica Mundial e da Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana, John Stott teve a sua atenção voltada para a crise que se abatia no anglicanismo brasileiro, com a sua Província, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) cometendo uma série de ilegalidades e arbitrariedades contra a Diocese do Recife, por motivos teológicos e morais, particularmente a questão do homossexualismo. Trocamos algumas cartas. Com dinheiro do próprio bolso ele compra a passagem e envia um amigo em comum, o Cônego Chris Sugden, para verificar a situação in loco, coincidindo com a realização da Conferência Crescendo Juntos, de âmbito sul-americano. Chris passa uma semana no Recife e apresenta a John Stott circunstanciado relatório.

Primeiro um dos nossos clérigos, e, depois, eu, pessoalmente, tivemos nossas despesas pagas por um circuito de amigos de Stott para ir à Inglaterra, onde apresentamos a nossa situação diante do retiro e da assembleia do Conselho de Evangélicos na Igreja da Inglaterra (CEEC), diante do movimento Anglican-Mainstream, uma frente de 34 grupos credais, evangélicos, anglo-católicos e carismáticos, diante da assessoria do Arcebispo de Cantuária para a Comunhão Anglicana, no próprio escritório da St. Andrews House, junto à imprensa religiosa e secular, e, por fim, sendo recebido pessoalmente pelo Arcebispo de Cantuária no Palácio de Lambeth. O Bispo de Rochester, e membro da Câmara dos Lordes, Michael

Nazir-Ali, me ofereceu um jantar de solidariedade na residência episcopal. Por fim, a Diocese do Recife recebe a solidariedade da Paróquia de All Souls, em Culto Público, e em almoço com todo o seu estafe, quando conversamos longamente com Stott sobre o fenômeno de ex-evangélicos, inclusive ex-militantes da ABU, que se tornam liberais e perseguidores do evangelicalismo. Sugeri que ele enviasse um estudante da pós-graduação para estudar esse fenômeno, que daria bom material para uma dissertação ou tese. Voltei à Inglaterra várias vezes, participei de importantes fóruns, falei para um almoço opcional do Sínodo, em York.

Recebemos a cobertura Primacial da Província do Cone Sul; assinamos um Memorando de Entendimento e Cooperação com a Igreja Anglicana na América do Norte (ACNA); estabelecemos relacionamentos de Dioceses Companheiras com Dioceses ainda ortodoxas no interior da própria Igreja Episcopal (TEC); fomos recebidos no Egito no Encontro Internacional do Sul-Global, e, assim, continuamos a nos mover no interior da Comunhão Anglicana, nas redes de assemelhados, unidos pelos laços de afeição e pelas crenças em comum.

Por trás de todos esses espaços e de todas essas ações concretas de solidariedade, estavam várias figuras importantes do Anglicanismo, inclusive o ex-Arcebispo de Cantuária George Carey, mas, principalmente, a figura serena e amiga de John Stott, que me encorajou por todos esses anos, e a quem nós, os perseguidos, os cassados e os excomungados evangélicos da Diocese do Recife seremos eternamente gratos, e a nossa contínua resistência e

fidelidade aos postulados do evangelicalismo, é a melhor forma de expressarmos o nosso compromisso com aquilo que John Stott acreditou, e que nós acreditamos.

O legado de John Stott está – e estará – sempre vivo na Diocese do Recife, malgrado as lutas e o martírio!

Recife (PE), 30 de julho de 2011

O Evangelicalismo Pós-Stott

Ainda vivos, dos “velhos leões”, do evangelicalismo anglicano, temos J. I. Packer e Michael Greene, ambos aposentados e ainda produzindo. John Stott havia feito a sua última palestra para um grande público na Conferência de Keswick, em 2006, ano em que deixa o seu querido apartamento da Wymouth Street e se muda para o St. Barnabas College, um lar geriátrico para clérigos, onde ainda escreve O Cristão Radical terminado no ano passado. O fato é que, já há alguns anos, que a Igreja da Inglaterra começara a viver a era pós-Stott. 70% dos estudantes de teologia estão matriculados em seminários de tendência evangélica, e 55% dos clérigos se auto-identificam como evangélicos, embora tenhamos apenas 25% dos Bispos (nomeados pelo Governo) com essa identidade.

Mas, apesar da importância do Conselho Evangélico na Igreja da Inglaterra (CEEC), uma parcela considerável dos clérigos, e a maioria dos bispos, vivem o seu evangelicalismo individualmente, não militando afirmativamente em nenhum movimento, seja por comodismo, seja por opinionismo, há uma fragmentação de tendências, e, apesar do peso intelectual de N.T. Wright e Allister McGrath, e de alguns outros, há um vazio de liderança, pois os tais ou estão instalados no sistema ou não são militantes. A verdade é que o forte evangelicalismo na Igreja da Inglaterra tem uma presença muito reduzida na liderança do Gafcon, que acaba de instalar um escritório em Londres, chefiado pelo Bispo Martyn Meens (CANA/Nigéria).

Algo se assemelha aos Estados Unidos pós-Billy Graham, entre os históricos, e pós-Rex Humbard, entre os

pentecostais, com uma profusão fragmentada de televangelistas e megagregas, sem o mesmo calibre e sem o mesmo carisma unificador, cada um vendendo o seu peixe e procurando aumentar a sua influência, concorrencialmente.

O Congresso Lausanne III, na Cidade do Cabo, em outubro de 2010, confirmou o caráter pujante, mundial do evangelicalismo, deslocado para o hemisfério sul, mas com os gringos europeus e norte-americanos ainda sendo os financiadores e os que dão as cartas.

No Brasil, a hegemonia evangélica ainda é um fato, e Stott (C. S. Lewis, Packer, etc.) ainda é lido e levado a sério entre os protestantes históricos e em amplos círculos pentecostais, mas o crescente neo(pseudo) pentecostalismo nunca leu esses autores (e tem raiva de quem lê...), os bolsões fundamentalistas os considera “de esquerda” na questão social e ambiental, ou na abertura para as Ciências Humanas, e o recente crescimento do pensamento liberal em algumas denominações e em seminários é formado pelos que consideram tais autores “ultrapassados”. Esse último fenômeno é o que nos traz maior preocupação.

Muita gente pranteia a morte de Stott. Seus livros estão em todas as prateleiras de livrarias e bibliotecas, mas, o que eles defendem, estarão nas mentes e nos corações?

Com a palavra a nascente Aliança Cristã Evangélica do Brasil, a Fraternidade Teológica Latinoamericana, setor Brasil, e os pastores e líderes que se dizem evangélicos diante do desafio externo do Secularismo e do Islã, e do desafio interno do Liberalismo Pós-Moderno.

Resta esperar para ver, enquanto alguns reafirmamos e

trabalhamos.

Nova Iguaçu (RJ), 31 de julho de 2011

Teologia de Stott: Fidelidade Antes Que Novidade

John Stott não criou uma nova teologia, nem nunca pretendeu fazê-lo. O seu pensar teológico não tinha como objetivo a novidade, ou a originalidade, mas a fidelidade. Para ele havia uma Bíblia a ser lida, compreendida, exposta, aplicada e vivenciada. Havia um consenso dos fiéis, no sentido da Tradição viva da herança apostólica definida pelos Credos e pelas afirmações convergentes das Confissões de Fé Reformadas. Havia a herança dos Concílios primeiros, os Pais Apostólicos, os Pais da Igreja, no que concordavam entre si por concordarem com a Bíblia.

Vale lembrar que o Evangelicalismo já se organizava em uma Aliança na Inglaterra na década de 1850, pretendendo uma herança histórica que começara com Wycliffe, na Pré-Reforma, passara pela Reforma, e havia pontos positivos a serem destacados no Puritanismo, no Pietismo, no Avivalismo e no Movimento Missionário. O Evangelicalismo tinha um claro compromisso social, mas sofreu um recuo diante das expressões do Racionalismo na sociedade europeia, e da aliança com o governo em uma Igreja Nacional, primeiro os anglo-católicos e depois os liberais-católicos anglicanos. Stott não aceitou ser o líder de uma minoria periférica, mas trouxe essa corrente para a participação nas instâncias decisórias da Igreja, com organização e com erudição. Ele devolveu a autoestima e a respeitabilidade aos evangélicos, que cresceram tanto em número e influência, quanto em produção intelectual, procurando “ouvir o Espírito e ouvir o mundo”, retomando o mandato cultural e a responsabilidade social.

O núcleo do seu pensamento pode ser encontrado em seu “best-seller” Cristianismo Básico: 1) A singularidade de Jesus Cristo como Messias e Salvador, a Encarnação, a Cruz e o Túmulo Vazio; 2) A pecaminosidade e a perdição da humanidade; 3) A necessidade de conversão, de reconciliação com o Deus da Graça mediante a fé em Jesus Cristo; 4) Uma vida em permanente processo de transformação, pela ação do Espírito Santo, no contexto da Igreja, e na presença no mundo. Os outros 49 livros que escreveu, são aprofundamentos e aplicações desses princípios, seja na condenação do silêncio culposos dos que não evangelizam, seja na centralidade da cruz, seja no papel de pregação, seja no enfrentar os desafios contemporâneos com respostas articuladas a partir dos postulados bíblicos.

Uma síntese dessas afirmações, dessa visão e dessas respostas, pode ser encontrada no próprio Pacto de Lausanne, do qual ele foi o principal redator, talvez o momento mais importante da sua vida. Por outro lado, acompanhei a frustração em não poder consolidar e avançar, quando do Manifesto de Manilla (Lausanne II, 1989), diante da pressão da direita teológica e política norte-americana, desconfortável com o lugar da responsabilidade social e uma “missão integral” em um evangelicalismo renovado e atual.

Stott cria em uma ortodoxia católica (histórica) e reformada, e não via o Evangelicalismo como uma corrente teológica dentre tantas, mas como a expressão do Cristianismo bíblico. Com essa convicção, ele foi um evangelista, um pastor, um mestre da doutrina, um polemista e um apologeta, com piedade e com

profundidade, valorizando, acima de tudo, a humildade. Não somente integrou a equipe de Capelães de SM a rainha Elizabeth II, mas, discretamente, por trás das cortinas e longe dos holofotes, continuou a exercer essa Capelania a uma soberana muito próxima das suas convicções.

Sabemos que muito da Teologia Contemporânea foi mais Filosofia do que Teologia, em uma sucessão de modismos que se sucedem, fugazmente, na História, a despeito das boas intenções e de aspectos positivos aqui ou acolá. Stott, por sua vez, sempre acreditou nesse “Cristianismo Básico”, revelado desde a eternidade, perene, relevante para todas as épocas, conjunturas e lugares. Enfim, uma mente brilhante, uma disciplina intelectual, uma sensibilidade pastoral, uma visão missionária subordinada à Palavra, “serva da Palavra”, como afirmava Martinho Lutero.

Nova Iguaçu (RJ), 01 de agosto de 2011

John Stott e o Estilo de Vida Simples

“Eu fico constrangido quando alguns irmãos dos Estados Unidos me convidam com passagem de avião em primeira classe, e me põem nesses hotéis extremamente luxuosos”, comentava Stott. Embora tenha sido criado na classe média alta inglesa, o aprofundamento da fé cristã o conduziu a uma profunda consciência do pecado das desigualdades sociais, com seu cotejo de privilégios vs. miséria, e do pecado do consumismo, do luxo e da ostentação. Ele encarnou os valores daquele movimento denominado de “Estilo de Vida Simples Como Opção Cristã”, que foi um desdobramento, na segunda metade dos anos 1970, após a Consulta de Hoddesdon (que participei) da Teologia da Missão Integral a Igreja, então com o apoio da Fraternidade Evangélica Mundial (WEF) e da Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial (LCWE).

O interessante é que esse movimento, com essa atitude de renúncia, foi mais bem recebido por parte de cristãos bem nascidos, e rechaçado pelos “novos-ricos” e recém-chegados à classe média, sob o fantasma da “simplicidade compulsória” vivida no passado.

Depois da humildade – e uma irmã gêmea dessa – a simplicidade foi um valor encarnado e ensinado por Stott como uma marca do caráter cristão. Uma visita ao seu despojado apartamento na 10 Downing Street (onde me hospedei) no centro de Londres, nos fazia perceber a coerência de quem vivia o que cria e pregava. Sua origem de classe, suas amizades com as elites, o frequentar o Palácio de Buckingham, não afetaram algo que, pelo poder do Espírito Santo, já estava internalizado.

Muitos de nós, militantes e ex-militantes da ABU, adotamos os princípios do movimento do “Estilo de Vida Simples”, que nos liberta do consumismo ou da busca de símbolos de status, em uma sociedade de “triunfo” do Capitalismo, de pressão social e familiar pelo consumo e a adoção da filosofia hedonista. Miriam e eu tivemos a vantagem de termos sido expostos, em nossa educação escolar (ela pelas franciscanas missionárias alemães, e eu pelos jesuítas) da Doutrina Social (da Igreja Romana). O movimento teve forte impacto na Europa e no Terceiro Mundo, e escassas adesões nos Estados Unidos, com exceção de setores menonitas.

Quando avaliamos o legado de Stott, e pensamos no “estilo de vida simples” adotado por tantos líderes cristãos, nos deparamos com a hegemonia cultural estadunidense (inclusive cultura religiosa), onde simplicidade é, para muitos, algo exótico ou um palavrão, e onde a Teologia da Prosperidade é o desdobramento último de uma atitude generalizada, e que o Brasil, sempre-colônia, vai sofregamente adotando, inclusive pelos que se dizem discípulos daquele que não tinha sequer onde reclinar a cabeça, e cujo único veículo que dirigiu foi um jegue emprestado...

Enquanto reverenciamos a memória e o legado de John Stott, essa é uma dimensão que vale a pena refletir.

Voando entre o Rio de Janeiro e o Recife, 01 de agosto de 2011

John Stott: Um Anglicano

Não há dúvida que John Stott foi, acima de tudo, um servo da Igreja de Jesus Cristo. Por longos anos ele ministrou a congressos, retiros, conferências e assembleias da Fraternidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES), aos movimentos a ela filiados (ABU). Ele próprio fora um militante do movimento quando estudante de Letras na Universidade de Cambridge, onde o próprio movimento nascera no século XIX. Ele não se recusava a falar em eventos interdenominacionais ou de outras denominações. Mas, durante toda a sua vida ele morou no mesmo país, na mesma cidade e no mesmo bairro, e foi membro da mesma Paróquia (All Souls, Langham Place, Londres), desde o seu batismo como criança, e a única onde foi pastor, como assistente (curate), como titular (vicar) e como emérito, integrando a sua equipe pastoral até a sua morte, tendo ali pregado regularmente até os 86 anos. Os seis anos que passou em Cambridge, primeiro estudando Letras e depois Teologia (no Seminário Ridley), frequentou as Capelas dos Colégios e Paróquias da cidade. Nada do que escreveu ou falou esteve jamais distanciado da teologia reformada do Livro de Oração Comum (LOC), dos 39 Artigos de Religião, ou das Resoluções das Conferências de Lambeth.

Não tendo feito (à semelhança de tantos teólogos importantes) qualquer Curso de Pós-graduação, recebeu um Doutorado Honoris Causae do Colégio de Santo Agostinho, um centro de altos estudos anglicanos, anexo a Catedral de Cantuária, um reconhecimento da Comunhão Anglicana a um dos seus maiores pensadores.

Ele se definia primeiro como Cristão (discípulo de Jesus

Cristo), depois como um Evangélico (posição teológica) e, em terceiro lugar, como um Anglicano, como expressão histórica, concreta e específica da fé. Somente um sectário extremado inverteria essa ordem. Ele era um cristão normal. Isso não quer dizer que ele minimizasse a identidade anglicana, ou fosse defensor de um pan-protestantismo, pan-evangelicalismo, tipo geleia geral. Uma prova desse seu compromisso foi a sua luta para fortalecer o Conselho Evangélico na Igreja da Inglaterra (CEEC), e o fundar e expandir a Fraternidade dos Evangélicos na Comunhão Anglicana (EFAC). Ou seja, Stott ministrava para toda a Igreja, servia o conjunto do Evangelicalismo, mas militava concretamente, comprometidamente, no interior do Anglicanismo.

O seu modo de agir é o mesmo de Packer, Michael Greene, e dos pensadores evangélicos das gerações seguintes, por que, no fundo, Stott (e a própria IFES-ABU) seria um desdobramento do ministério profícuo desse modelo de pregador e Capelão universitário anglicano, que foi Charles Simeon, em seu longo serviço na Universidade de Cambridge.

Stott era uma pessoa atenta com tudo o que acontecia no Cristianismo – Reformado ou não – mas era alguém que seguia de perto as alegrias e as tristezas da Comunhão Anglicana, a sua Igreja, a Igreja que ele amava, e que abre o seu maior espaço, a Catedral de São Paulo, em Londres, para suas exéquias.

Uma mente lúcida como John Stott não poderia ser quem foi em outro lugar.

Viver a fé cristã evangélica no Anglicanismo, é o legado

que nos deixa para prosseguir.

Recife (PE), 03 de agosto de 2011

John Stott: O Celibatário Não-Bispo

Em seus primeiros anos como pastor auxiliar (Curate) da Paróquia de All Souls, John Stott andou cortejando e sendo cortejado por algumas damas cristãs desejosas de se casar com um ministro do Evangelho. Esses namoros não prosperam por falta de afinidades. Stott, no vigor da idade, abraçou um sem número de causas, passou a escrever um livro atrás de outro e a ser cada vez mais solicitado a viajar para proferir conferências. E o tempo foi passando e ele continuando como um celibatário casto (o que parece ser menos difícil com o clima, a alimentação e a vestimenta inglesa...). Em uma entrevista que ele concedeu, já maduro, a uma revista evangélica, disse: “Eu nunca planejei ficar solteiro, nem senti vocação para o celibato. A coisa simplesmente aconteceu. Eu fui me ocupando, o tempo foi passando, e, quando me dei conta, tinha ficado solteiro”.

Houve uma mulher providencial, muito importante na vida de John Stott: sua secretária por mais de meio século, e que estava ao lado do seu leito na hora de seu falecimento: Frances Whitehead, uma espécie de “auxiliar Bombril”, pois cuidava da limpeza da casa e das compras, das malas e das roupas, das correspondências e da agenda. Alguns amigos fustigavam: “Ela tem todos os ônus, mas nem todos os bônus”.

Como o movimento GLSBT está cheio de maus caracteres, que atribui homossexualidade a toda gente que já morreu ao longo da História, e que não pode se defender, não é que alguns desses tipos chegaram a insinuar que o celibato de Stott tinha a ver com homossexualismo reprimido!? Um dia essa gente vai se acertar com Aquele lá

em cima!

Um outro aspecto da sua biografia que sempre vem à tona é o fato dele ter sido alguém tão competente e importante no Anglicanismo, e nunca ter sido designado um Bispo. No apogeu da sua carreira, ele foi sondado pela comissão da Igreja da Inglaterra que faz uma triagem preliminar e envia para o Governo, que escolhe e a rainha nomeia em uma lista final de dois nomes. Mas, além de na época serem raros os evangélicos no Episcopado inglês, Stott era sincero demais e escorregadio de menos para fazer o tipo do “Bispo ideal” para o Governo. E ele foi injustamente preterido.

Seus amigos, entre desapontados e revoltados, conseguiram que a Província interna de Sydney, na Austrália, um bastião evangélico, o elegeisse como Bispo Sufragâneo para uma das regiões, ou como Bispo Diocesano, conforme fosse a sua opção. Havia a questão da distância na Austrália, longe de tudo e de todos, e de onde as coisas estavam acontecendo e movendo a História. Havia o caráter um tanto extremadamente puritano daqueles irmãos, um tanto distante da “missão integral” que Stott estava articulando. Por fim, ele polidamente recusou, dizendo que o seu tempo havia passado, e que, talvez o Senhor o preferisse como pensador “free-lancer” do que usando bem a plataforma do Episcopado.

John Stott daria um bom marido e um bom pai, e, também, um excelente Bispo. Mas, aprouve ao Senhor que o Celibatário Não-Bispo o servisse bem nesse estado e ministério.

O Senhor tem os seus caminhos (que são os melhores)

para cada um dos seus servos!

Recife (PE), 04 de agosto de 2011

Os Anglicanos Que Não Gostavam de Stott

Há alguns anos fui honrado com a escolha como Paraninfo da turma de concluintes do Bacharelado em Teologia do Seminário da Igreja Presbiteriana Renovada, em Anápolis (GO), onde metade dos alunos era egresso do Curso Médio em Teologia, da Assembleia de Deus. No dia da formatura, tivemos um retiro com os concluintes e alguns outros alunos e professores, para refletirmos juntos a caminhada da Igreja de Jesus Cristo na Terra da Santa Cruz. A certa altura, perguntei ao grupo: Durante o seu Curso, qual o teólogo que mais lhe impactou? E, para surpresa minha, a resposta de quase todos foi: “John Stott”.

Meses depois estou no Seminário SETEK, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), em Porto Alegre, e faço referência a John Stott, e, outra surpresa, ninguém tinha ouvido falar do mesmo ou lido uma linha sequer dos seus escritos. Ironia: ele era honrado por pentecostais e ignorado (ou hostilizado) por anglicanos... (pelo menos por um setor deles).

Esse quadro se repetiria em todos os seminários anglicanos de linha liberal através do mundo, particularmente nos Estados Unidos (com exceção do evangélico Seminário Trinity e do anglo católico Seminário Nashotah House). Com a hegemonia liberal sobre a TEC (ex-ECUSA, ex-PECUSA), Stott sempre foi um escanteado naquele país, onde nunca foi entrevistado na TV, ou em rádios e jornais seculares de grande circulação, com a presença restrita a palestras nas Conferências Missionárias de Urbana, Illinois, promovida pela ABU (IVF) dos EUA e Canadá; a venda de livros pela Inter-Varsity Press, e

eventuais conferências aqui ou acolá.

Em geral, o evangélico Stott tinha um relacionamento respeitoso com os anglicanos anglo-católicos e carismáticos, malgrado suas divergências, que foram se atenuando com o passar dos anos, especialmente pela necessidade de enfatizar o núcleo das crenças em comum, diante dos desafios do adversário em comum: os liberais. Esses o rejeitavam porque rejeitavam antes o “cristianismo básico” confessado e advogado por ele, nesse conflito maior que dilacera a Cristandade, entre o Cristianismo Histórico (Ortodoxo) e o Revisionismo Liberal Pós-Moderno.

Enfim, Stott não foi uma unanimidade, e o núcleo dos seus adversários estava (e está) situado no interior da sua própria casa: a Igreja Anglicana.

A História dirá quem tinha razão, e quem foi o vencedor nos corações e nas mentes.

Mogi das Cruzes (SP), 04 de agosto de 2011

Minhas Diferenças com John Stott

Ele era inglês, formado em Letras, e tinha a idade de ser o pai desse nordestino alabucano com formação em Direito e Ciências Humanas, ou seja, duas biografias bem diferentes. Em comum a fé no Senhor Jesus, o Evangelicalismo e o Anglicanismo. Mas todo grato discípulo tem suas diferenças com o seu mestre. De fato John Stott, por seus escritos e por seu relacionamento pessoal, foi a mais importante influência intelectual na área teológica em minha vida. A mais importante, mas, obviamente, não a única. Como filho de farmacêutico fui criado lendo de tudo, até bula de remédios...Tive a influência dos filósofos do humanismo integral/solidarismo e da Doutrina Social, quando na Igreja de Roma, e da visão de História e de Teologia Sistemática, quando na Igreja Luterana. No Anglicanismo, Packer e Michael Greene foram muito importantes, como, depois N.T. Wright e Alister MacGrath. Na ABU, estudamos toda a obra de Bonhoeffer, fui exposto aos teólogos latino-americanos da FTL/Missão Integral, e li de Billy Graham a Gustavo Gutierrez, dentro do princípio de “examinar de tudo e reter o que é bom”.

Tive um bate-boca público com Stott, quando do Congresso de Evangelismo de Pattaya, Tailândia (LCWE/WEF), porque, juntamente com os evangélicos da América Latina, Europa Latina e Filipinas, insistíamos na necessidade de evangelizar os católicos romanos (inclusive os praticantes não-nominais e não-sincréticos), enquanto Stott, como bom europeu protestante vivia a “moratória” de fato, estabelecida desde o fim da Guerra dos Trinta Anos, e que foi um ponto de desavença quando do Congresso

Ecumênico de Edimburgo, de 1910. Além disso, não aceitamos a presença em nosso grupo de trabalho sobre a evangelização dos católicos de um observador do Vaticano. “Você vai trazer um Iman para o grupo sobre os muçulmanos, e um Comissário do Povo para o grupo sobre a evangelização dos marxistas?”, questionei eu, atrevidamente, para aborrecimento do meu guru. Naquela época, diante das indecisões do Movimento de Lausanne e da Fraternidade Evangélica Mundial sobre o tema, um grupo de pastores e leigos, de várias denominações protestantes do Nordeste do Brasil, havia lançado uma Declaração do Recife, reiterando a necessidade da evangelização dos católicos romanos.

No terreno mais especificamente anglicano, ambos concordávamos com a Ordenação de mulheres tanto ao Diaconato, quanto ao Presbiterado, mas Stott era contrário que elas fossem Párocas, dentro do princípio evangélico da regência masculina no lar e na igreja (não no Estado). Minha posição é que, como para o Anglicanismo a igreja-local é a Diocese, e a Autoridade Diocesana, para a teologia e para os Cânones é o Bispo, o verdadeiro pastor da igreja-local e supervisor das comunidades localizadas dirigidas por seus vigários (representantes), o princípio da regência masculina não seria ferido com mulheres Párocas, mas com mulheres Bispas.

Enfim, no terreno da Mística e da Dogmática, a minha convergência com Stott foi quase total, no campo da Disciplina Eclesiástica, da Ética e da Missiologia tivemos nossas diferenças, pois, no geral, os teólogos euro-ocidentais e norte-americanos apenas trabalham com a

Linguística, a Arqueologia e, às vezes, a História e a Filosofia, como disciplinas auxiliares para o labor teológico, enquanto, como alguém da FTL, e por minha formação acadêmica, trabalho com todas as Ciências Humanas, vistas como sistematizações da Revelação Natural, e úteis para a Exegese e para a Hermenêutica. Como creio que toda Teologia é, também, uma Ideologia, e traz, inevitavelmente, uma carga cultural do seu autor, defendo não um adesismo acrítico ou uma rejeição xenófoba, mas uma leitura mais cuidadosa, mais seletiva e mais crítica daquilo que nos fez do Primeiro Mundo, seja em termos de reflexão, seja em termos de metodologia. Defendo uma valorização e uma criatividade da Teologia Latinoamericana e Brasileira, crendo na necessidade de uma produção verde-e-amarela, e porque espero estar diante do Cordeiro na nossa bancada e louvando sem sotaque...

Termino essa série de reflexões teológicas em honra à memória de John Stott reafirmando a minha gratidão por sua vida, esperando, humildemente, continuar no campo do Evangelicalismo por que ele tanto trabalhou e no Anglicanismo que ele tanto amou, exortando as novas gerações a ler os seus livros, ouvir as gravações das suas palestras, e reafirmar, na atualidade e em seus contextos, o eterno “Cristianismo Básico”.

Itaquaquecetuba (SP), 05 de agosto de 2011.